

RESENHA

Bash Back! Ultraviolência *queer*: antologia de ensaios

VÁRIOS AUTORES. *Bash Back! Ultraviolência queer: antologia de ensaios*. Trad. Beatriz Regina Barboza, Emanuela Carla Siqueira, Julia do Nascimento. São Paulo, SP: crocodilo; n-1 edições, 2020. 176p¹.

Camila Daltro Ferreira²

Bash Back! Ultraviolência *queer* é um livro escrito por diversas mãos, em sua maior parte anônimas, que construíram a rede *Bash Back!* (expressão em inglês que pode ser traduzida como “revide”), formada por diversos grupos identificados com o anarquismo *queer* responsáveis por uma série de levantes iniciados em 2008, nas Convenções Nacionais Democrata e Republicana nos Estados Unidos, que se espalharam por todo o país levando anarquia, queeridade, sexualidade e violência contra todo o sistema liberal cisheteropatriarcal, ou qualquer coisa que estivesse pela frente. Apesar de ter morrido oficialmente em 2010, a *Bash Back!* seguiu e ainda segue inspirando insurreições mundo afora.

A antologia é composta por nove ensaios, escritos por grupos ou indivíduos diferentes — não necessariamente com a mesma opinião entre si —, cada um defendendo a sua própria forma de subversão, ou melhor, de destruição. O prefácio, escrito por Flávia Lucchesi, contextualiza a *Bash Back!* como “[...] uma proposta de propagação de práticas libertá-

¹ Disponível em: https://crocodilo.site/site/wpcontent/uploads/2021/06/crocodilo_n-1_bashback_pages_080621.pdf.

² Mestranda em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos (PPGNEIM/UFBA), pesquisadora e psicóloga. Endereço eletrônico: daltro.mila@gmail.com.

rias e ações diretas, pela expansão de uma rede anti-hierárquica de levantes descentralizados, composto por táticas múltiplas de antiopressão e antiassimilação” (p. 19). Mas o termo libertário não deve aqui ser confundido com liberal, pois é justamente essa ideologia uma das principais inimigas destes levantes, inclusive por ser responsável pela disseminação da meta assimilacionista, isto é, “camufladora” de corpos e subjetividades não normativas a partir do princípio cisheteronormativo. Assim, a *Bash Back!*, ao denominar-se *queer*, pretendia ir na contramão de pautas hegemônicas do movimento LGBT³, este muitas vezes mais preocupado com a higienização e padronização do que com uma libertação identitária de fato. É a partir disso que a *BB!* luta não somente contra a assimilação social, o Estado, o capital e o sistema inteiro, mas também contra todas as identidades, reconhecendo-as como reducionistas e normatizadoras, hierárquicas dentro da própria “comunidade” LGBT. Ser *queer*, portanto, é recusar qualquer categoria identitária — ainda que em alguns momentos reconheça-se a sua importância solidária —, porém, acima de tudo, é destruí-las completamente.

Essa destruição não é apenas simbólica. Um dos pontos que definitivamente não constitui um consenso tático nesses eventos anarcoqueers foi o uso da violência, que era utilizada para além de uma mera reação, mas servia também como ponto de partida. Assim, o moralismo pacifista foi duramente criticado e a agressividade era uma característica central na grande parte das ações que tomaram curso no final da primeira década dos anos 2000. Essa rede, apesar de ter como centro os Estados Unidos, pode-se dizer que foi

³ Aqui opto pela utilização da sigla LGBT e não LGBTQIA+ a fim de evidenciar a crítica presente no livro principalmente ao movimento LGBT mainstream, isto é, institucionalizado e mais focado em políticas legalistas e, conseqüentemente, assimilacionistas e cisheteronormativas. Também é importante considerar que, ainda que se tenha convencionado incluir na sigla a letra “Q” de “queer”, o movimento queer visa exatamente o oposto, isto é, a destruição das identidades, e não sua incorporação como mais uma delas.

influenciadora — ou, ao menos, semelhante — de muitos outros movimentos em diversas partes do mundo que não necessariamente carregaram o nome *Bash Back!*, mas com certeza continuaram seu legado.

No capítulo assinado pelo grupo *Mary Nardini Gang/Gang of Criminal Queers* — nomeado em alusão à Mary Nardini, grande nome do anarquismo *queer* — o termo *queer* é descrito como

um território de tensão, definido contra a narrativa dominante do patriarcado branco-heteromonogâmico, mas é também uma afinidade com todas as pessoas que são marginalizadas, outrificadas e oprimidas. *Queer* é anormalidade, estranheza, perigo. *Queer* envolve nossa sexualidade e nosso gênero, mas muito mais. É nosso desejo e fantasias e mais ainda. *Queer* é a coesão de tudo que está em conflito com o mundo heterossexual e capitalista. *Queer* é a rejeição total do regime do Normal (p. 24).

Neste sentido, a luta pela libertação está intrinsecamente vinculada a uma luta contra o capitalismo e o Estado, visto que ambos possuem uma estratégia pacificadora de movimentos libertários, bem como uma cooptação destes para adequação nos seus próprios ideais. O assimilacionismo capitalista preza, em primeiro lugar, por uma política reformista e pacífica que não tem como objetivo a qualidade de vida de pessoas não normativas, e sim a sua inclusão em um modo de vida cis, hétero e monogâmico.

Ao longo de todo o livro, os termos LGBT e *queer* são distinguidos e muitas vezes colocados em oposição. A Mary Nardini Gang ou Gang of Criminal *Queers* defende que pessoas LGBT podem também ser *queer*, todavia, *queers* extrapolam essa sigla e as categorias de gênero e sexualidade. Outra crítica do grupo é dirigida à teoria marxista, que não daria conta dessas existências dissidentes que vão além das

questões de classe; a classe proletária *queer* encontra formas de trabalho e produção não convencionais que não são contempladas por esta teoria. A moralidade burguesa é outra inimiga deste coletivo e uma das responsáveis pela criminalização de corpos *queers*, que, ao contrário de ser desfeita, foi apropriada por estes sujeitos que a utilizaram a seu favor. A lógica de morte propagada pelos agentes do biopoder — sejam estas câmeras de vigilância, ofensivas policiais, serviço militar LGBT, entre diversos outros — constituem a política de morte e controle que, em alguns momentos, só pode ser rompida com a criminalidade. O poder *queer*, por outro lado, está presente não em agentes externos reguladores, mas dentro das próprias relações construídas em redes.

A Gender Mutiny, que assina o capítulo seguinte de ensaios autorais, é constituída por “teóricas-*queer*-niilistas” e começa desmistificando duas falácias centrais: a de que insurreição é coisa de “macho” e de que Stonewall foi a primeira revolta. O grupo — que utiliza o termo *genderfuck* para sua autorrepresentação, pois vai de encontro à normatização e extrapola as categorias identitárias passivas — faz um panorama histórico de outras insurreições *queer* desde o ano 390, na Grécia, passando pela França, Inglaterra, Caribe, Escócia, Irlanda e dezenas de outros países e indo até 1970, com a criação da *Transvestite Action Revolutionaries* (STAR), uma casa de acolhimento voltada para drag queens e *queers* que não tinham onde morar, e foi criada por Marsha P. Johnson e Sylvia Rivera, conhecidas veteranas da popular rebelião de Stonewall.

No que diz respeito aos modos de reprodução, a Gender Mutiny realiza uma progressão que vai do Criacionismo ao Niilismo. Primeiramente, o Criacionismo é definido como uma teoria monista em que Deus é único e central. O Procriacionismo, por sua vez, admitiria o dualismo ao conceder a reprodução como produto do homem e da mulher; neste

caso, o central é a criação advinda dessa reprodução. Já o Recriacionismo, pluralista, teria como base a construção do eu, sendo a reprodução, aqui, a do próprio sujeito. Por fim, o Niilismo é a negação, ou seja, o nada. Não se trata mais de reproduzir-se, mas de abolir-se, propondo uma greve humana. Neste sentido, critica-se o uso equivocado da palavra “queerizar” para denominar a reprodução de identidades, queeridade esta que estaria no âmbito positivo, e não negativo, niilista, abolicionista.

A ‘positividade’ de movimentos e teorias que se propõem revolucionárias, como o feminismo, por exemplo, pautaria a reafirmação de uma categoria historicamente negada de existência — neste caso, a da mulher. O homem era a única existência possível e aceitável, portanto, reivindicar a existência da mulher, tirando-a do nada em que se encontrava, bem como defender a reprodução compulsória de identidades, é propor a sua inserção no sistema em vista da reprodução de infinitas categorias. Em vez disso, por que não lutar pela destruição total de todas elas?

O capítulo seguinte, sem autoria definida, foi escrito antes da convergência da Bash Back! de 2010, e visava a enunciar algumas perguntas e reflexões em forma de uma avaliação da rede até então.

O que é a Bash Back!? Bash Back! é uma rede? Uma organização? Uma gangue? Uma tendência?

Se somos uma rede, o que encontramos entre nós? O que temos em comum? Um desejo? Uma paixão? Uma estratégia? Uma ideologia? Ou simplesmente uma identidade, um nome?

Se BB! é uma organização, estamos condenados desde o início. Podemos esperar um futuro cheio de reuniões de consenso altamente moderadas até que não sejamos nada mais do que hipsters arrogantes se encontrando em uma livraria e demorando quase seis meses pra planejar ou escrever alguma coisa. [...]

Se somos uma gangue, qual é o nosso ritual? Como devemos lutar? [...] Como as armadilhas do ativismo e da organização nos limitam? [...]

Se damos nome a uma tendência, como fazemos essa tendência se alastrar feito fogo? Como podemos fazer com que essa tendência escape dos becos sem saída da política de identidade liberal e/ou da academia e/ou do ativismo? [...] (p. 82).

Neste momento do livro, começam a ficar mais evidentes as divergências existentes dentro da própria BB!. Talvez uma das desvantagens da forma descentralizada escolhida pela rede tenha sido a falta de determinações claras ou táticas unificadas, o que, a longo prazo, contribuiu para as discussões que se seguiram, principalmente a respeito do uso da violência, esta que, sendo não apenas um ponto central das ações, mas uma condição determinante delas, traz algumas questões fundamentais: a violência defendida é real ou simbólica? Este é, provavelmente, o ponto mais controverso entre os grupos, já que existe uma grande diferença entre propagar uma violência de imagem e uma pautada na práxis efetiva, cotidiana, de revide. Apesar disso, uma coisa é evidente: a Bash Back! nunca foi criada para ser higiênica, aséptica ou bonita. É necessário se ter cuidado para não acabar reproduzindo os mesmos modelos que se quer combater.

A *Pink And Black Attack* (PABA), autora dos ensaios seguintes, foi uma publicação periódica de cunho antiassimilacionista e anarcoqueer diretamente relacionada ao surgimento da Bash Back!. O periódico, assim, auxiliou na divulgação e reprodução de comunicados e reflexões acerca da teoria *queer* anarquista. Tendo continuado sua trajetória mesmo após o fim da rede, a PABA posteriormente cessou a sua publicação e distribuição.

Em sua primeira publicação exposta no livro, a *Pink And Black Attack* traz algumas reflexões bastante polêmicas, sobretudo no campo político da Direita *versus* Esquerda no

que concerne o casamento gay. Enquanto a Direita mostra-se desfavorável a esta pauta e a Esquerda a favor, outros posicionamentos mais marginalizados defendem alternativas diferentes, não apenas contra o casamento entre pessoas do mesmo sexo, mas contra o casamento em geral. O simples coro de que o casamento deve distanciar-se do Estado e passar a ser um assunto apenas das igrejas é também insuficiente para anarquistas, que não se contentam com uma solução não-estatal, e defendem resoluções completamente antiestatais, ou melhor, anti qualquer-hierarquia-e-dominância-sociais-existentes. Um apelo por igualdade e adequação, como o proposto a partir da ampliação do direito ao casamento, surgiu com movimentos de libertação originados na década de 60; entretanto, mesmo se propondo a ser um ataque ao heterossexismo estrutural, ao voltar-se para o ativismo político, aliou-se à mesma lógica deste. O debate entre anarquistas *queer versus* liberais, deste modo, diferencia-se majoritariamente pela defesa dos primeiros a uma perspectiva antiestado e dos segundos de uma lógica não-estatal, isto é, com reduzido papel do Estado, não a sua completa destruição.

Na contramão de ideias políticos 'progressistas' de soluções políticas para questões de existência, a luta anarco-*queer* posiciona-se contra as políticas de identidade reformistas, pois considera as identidades como construídas socialmente a serviço do Estado e do capitalismo. No entanto, reconhecem a importância da afinidade gerada por identidades compartilhadas, atentando sempre para o viés de uma luta antipolítica.

Mas as críticas da PABA também incluem as limitações da própria teoria *queer*, esta que é apontada como reconhecidamente elitista e hiper vinculada à academia, porém, caso seja expandida para além desses espaços, pode mostrar-se com grande potencial revolucionário e agregador à luta

anarquista. Como um de seus principais debates, as discussões sobre essencialismo ou construção social da identidade têm relação com uma das teóricas *queers* mais conhecidas, Judith Butler. Ao difundir a ideia de performatividade de gênero, a autora argumenta que “[...] o gênero é uma ficção coletiva, que consiste no conjunto das performances dos indivíduos. As pessoas agem de acordo com essa ficção pra performar seu gênero” (p. 101). Além disso, Butler também expõe as contradições presentes na separação analítica entre sexo e gênero, argumentando que o primeiro, caso desconectado do segundo, não teria significado algum, sendo, portanto, também uma construção social. Com o devido reconhecimento da importância dessas discussões, a Pink And Black Attack traz o aspecto mais individualista que a performatividade pode adquirir, questionando que “[...] se o gênero é uma ficção coletiva usada para controlar as pessoas, então como nós, anarquistas, abolimos essa ferramenta de dominação? Uma abordagem de base individual é suficiente, ou é necessária uma ação coletiva?” (p. 104); ainda não temos esta resposta.

Partindo, então, para explicações sobre a morte da Bash Back!, a PABA defende a importância do seu fim. Com uma proposta de ser uma rede informal visando a conectar levantes *queers* anarquistas para as Convenções Democrata e Republicana de 2008 nos Estados Unidos, a rede foi oficialmente decretada como morta devido a justamente sua informalidade e divergências internas inconciliáveis. Mesmo assim, a BB! cumpriu o papel ao qual se propôs, e seu fim não deve ser lamentado, senão comemorado.

Mas a violência não era a única tática disruptiva dos levantes. Como exposto no próximo ensaio, veiculado em uma publicação do *Institute for Experimental Freedom*, o sexo em público é também uma forma de subversão do controle social

e do biopoder reguladores de corpos — e entre-corpos — presentes principalmente nas metrópoles.

Os textos posteriores, publicados no blog Not Yr Cister, projeto voltado à divulgação de escritos transfeministas insurrecionários, foram articulados por grupos de pessoas integrantes da BB! e denunciam a opressão e a transfobia causadas por feministas cis, além da opressão movida pela própria “comunidade”, que em uma tentativa assimilacionista, vocaliza apenas algumas mulheres trans, enquanto deslegitimam outras, com ideologias mais radicais e dissidentes. Essa temática também é explorada a partir de outros sentidos, com um percurso histórico a fim de desvelar as imbricações entre gênero e capitalismo e a consequente assimilação de mulheres trans pelo capital através de estratégias de passabilidade e a imposição compulsória de uma distorção corporal. Propõe-se como resposta, a partir disto, um rompimento completo com a reprodução social.

Em entrevista, a Not Yr Cister Press também realiza críticas à BB! por sua suposta transformação em um movimento *queer* liberal e identitário, em vez de anti-identitário, como inicialmente defendido. Ao apropriar-se do *queer* como uma categoria identitária, perdeu-se de vista o seu real potencial destruidor.

O penúltimo ensaio, em formato de um manifesto e circulado de forma anônima, foi alvo de grande polêmica com seus posicionamentos também favoráveis ao fim da Bash Back! devido à ruptura com seus princípios originais. O texto também orienta a formação de gangues de rua *queer* que se utilizam da violência como principal arma de enfrentamento, e compartilha algumas vivências de gangues *queer* com o propósito de gerar sua disseminação mundo afora.

Por fim, as notas conclusivas desta antologia surgem como uma tentativa de realizar um balanço da Bash Back! e

foi escrita por Tegan Eanelli, uma pessoa participante. Reforçando alguns argumentos já expostos ao longo do livro, as conclusões são mais permeadas por questionamentos sem resposta do que por um produto fechado, afinal, a *Bash Back!* e a *queeridade* foram e continuam sendo espaços de disputa e contestação, positiva ou negativa. Finalmente, com uma conclusão que torna a presente resenha um esforço hipócrita de academicizar o “inacademicizável”, Tegan Eanelli finaliza o livro com duras e merecidas críticas a teorias sem práxis e palavras sem revoltas.

[Recebido: 28 jul. 2021 — Aceito: 13 out. 2021]